



## COMENTÁRIO DO TRADUTOR

FÁBIO MARIANO

Antes de escrever quaisquer palavras sobre a tradução ou o conto traduzido, gostaria de agradecer ao Brazilian Translation Club pela oportunidade de fazê-la e pelas valiosas contribuições de seus membros durante a discussão – e, especialmente, à contribuição fundamental de Victor Meadowcroft, que foi praticamente um editor desse trabalho específico, e à generosidade da própria autora, que se dispôs a discuti-la comigo e refiná-la.

Traduzir o conto “Aí eu fiquei sem esse filho”, de Carla Bessa, é, antes de mais nada, ter o prazer e o privilégio de lê-lo. Se formalmente o texto nos arrebatava pela meticulosa construção da oralidade e pela pontuação atípica, o jogo de vai-e-vem que justapõe uma cena prosaica, trivial, caseira – o ritual do café da tarde – e um episódio de múltiplas camadas de violência – a(s) perda(s) de um filho – é temática que choca, comove, captura o leitor.

Como, então, entregar em língua inglesa toda a riqueza dessa experiência de leitura? O primeiro desafio que se coloca diante do tradutor é do registro informal. Em que medida são válidas as construções sintáticas utilizadas por Bessa quando passadas para o inglês britânico, e como encontrar equivalências? A escritora, de maneira bastante precisa e hábil, reconstrói a oralidade do português brasileiro – uma língua que tem como uma de suas questões centrais a discrepância entre o oral e o escrito e que, não à toa, tem no cerne de seu cânone literário escritoras e escritores que tentaram dar a ela uma solução original. Criar (ou recompor) a melodia organizada por Bessa com suas palavras foi um dos grandes objetivos da tradução que se propõe aqui.

O uso da pontuação – e, sobretudo, do sinal de “dois pontos” – é parte fundamental dessa melodia. Foi necessário, portanto, pensar onde inseri-los em cada frase. O exercício imaginativo de recriação da voz narrativa e da voz da personagem que também narra – e as diferenças entre essas vozes – dependia de uma compreensão fundamental dos atos, gestos e movimentos (algo apontado por Elton Uliana durante a discussão sobre a tradução na reunião do BTC). Há um ritmo da narrativa que depende tanto da pontuação quanto dos gestos. E era esse o ritmo dentro do qual se deveria encaixar a melodia da oralidade proposta por Bessa.

A questão da informalidade não se restringe, no entanto, ao aspecto formal. A própria situação que funciona como “moldura” à história contada pela personagem central do texto é um daqueles elementos que são



tão naturalizados dentro de uma determinada cultura que parecem inatos. Trata-se do ritual brasileiro de “passar um café”, com todos os seus apetrechos, sensações e durações. É curioso que não me ocorra palavra em português melhor para descrever essa situação do que a inglesa “homely” (caseiro é o mais aproximado, mas não me traz a impressão correta). O leitor inglês deve ter em mente que mesmo em casas onde existe uma moderna máquina que extrai de cápsulas a vácuo o café, a memória do cheiro da água fervente afundando aos poucos no pó colocado a colheradas sobre um filtro de papel ou pano é uma presença silenciosa, pronta a ser despertada a qualquer falha da máquina, falta de cápsulas ou visita que não esteja habituada ao espresso.

Que dizer, então, do ato de “pedir bênção”? Comum em diversas regiões e classes sociais no Brasil, é uma espécie de ritual no qual uma pessoa mais nova pede à mais velha, um parente ou alguém por quem se tenha grande consideração, como um padrinho (há uma implícita relação de poder na hierarquia inerente ao ato) que lhe abençoe. Um pequeno diálogo toma lugar: “A sua bênção, minha mãe”, “Deus te abençoe, meu filho”. O significado social dessa pequena troca de palavras é o reconhecimento do respeito e da autoridade do mais velho, e é evidenciada menos na execução do ritual do que na recusa a cumpri-lo (que pode ser considerada conduta afrontosa ou até um atentado contra a instituição familiar, a depender da situação). Pode também, no entanto, ser um ritual de demonstração de carinho pela figura mais velha. E é essa mera troca de palavras que, no conto de Bessa, motiva espancamentos a uma criança – exatamente por se configurar como uma demonstração de carinho e respeito do filho à mãe.

Creio que parte da tarefa de que se ocupa a literatura brasileira contemporânea é a revelação da medida em que a violência – e sobretudo a violência contra as minorias – se incrustou no cotidiano nacional de maneira naturalizada. Essa violência esteve evidente e manifesta ao longo de nossa triste história – e hoje é celebrada e louvada por um governo eleito após uma série de atentados às instituições democráticas. Não à toa, esse mesmo governo demonstra seu desprezo pela cultura do país e pelas suas minorias repetidamente massacradas. O conto de Bessa, por suas opções formais e temáticas, toma para si essa tarefa, e a executa de modo a deixar-nos com um nó na garganta ao mesmo tempo em que desperta, em nós, a memória de tomar um cafezinho e comer pão com manteiga. Se pode parecer estranho que essas duas sensações coabitem nossa mente, pensemos no resultado – a indigestão, o incômodo, a indignação. Diante da narrativa de uma mulher que, de maneira natural (ainda que com interrupções que, longe de serem hesitantes, parecem apenas pausas para retomar o ar que nunca mais lhe será fácil inalar) conta a história de como foi privada do filho, de como o viu ser humilhado, espancado (de como ela própria foi espancada) e depois ser assassinado de maneira brutal dentro de sua própria casa, o que sentimos é a indigestão, o incômodo, a indignação: da experiência de ser brasileiro, de estar no Brasil,



e de saber que a violência doméstica, os assassinatos de pessoas dentro de suas casas (muitas vezes por forças do Estado) e a privação das mães e das não-mães de seus direitos mais básicos são parte (execrável e vergonhosa) de nossa experiência histórica.